



Gaiato

Quinzenário • 21 de Abril de 2012 • Ano LXIX • N.º 1777 • Preço: 0,33 € (IVA incluído)

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Casa do Gaiato das Ruas do Porto

OS meus olhos contemplam as carvalhas da nossa avenida que renovam a sua veste, neste início de Primavera, e o mundo verde que se estende a seus pés.

Por esta época do ano, a 20 de Abril de 1943, Pai Américo tomava posse desta quinta, e nela dava início aos trabalhos de concretização, em pleno, do sonho que Deus fez nascer em seu coração, caldeados com a experiência das Colónias de Campo do Garoto da Baixa de Coimbra e com os três primeiros anos de vida da Casa do Gaiato da mesma cidade, a desenvolver-se em Miranda do Corvo. Lá, como aqui, a cidade dava o nome e os rapazes a cuidar, mas à distância dela, uns trinta quilómetros, onde os bons ares e a ausência do mau clima a que estavam habituados, confluíssem em ajuda à sua recuperação.

Embora não tenha grande importância a contagem dos anos que se vão somando, ano após ano, esta cadência estabelece marcos que adquirem grande importância por nos tirarem da rotina dos dias e meses que se vão sucedendo, transportando o nosso pensamento ao passado que, neste caso, é fundamento autêntico, firme e fecundo, do presente que nos cabe cumprir, com o olhar, sempre confiante, posto no

futuro.

Era também esse o fundamento em que Pai Américo assentava a sua vida e acção, a Pedra Angular sobre a qual se constroem as «obras humanas com sabor divino», sabor que não se vê mas que está realmente Presente.

Por coincidência chegou-nos agora às mãos, por iniciativa de Professor amigo, uma crónica de Senhora Estudiosa em várias áreas do saber, com particular interesse em Pedagogia, que em 1944 visitou esta Casa, a qual estava ainda na construção dos alicerces da Aldeia dos Rapazes, e que intitulou: «Uma valiosa realização pedagógica-social». Preenche três páginas de uma Revista de estudos, desenvolvendo tudo o que viu e apreciou numa osmose entre teoria académica e prática de vida.

«Nenhuma dificuldade na entrada. É um dos 'gaiatos', que por acaso encontrei ao sair do comboio, em Cête, que me ensina o caminho para o mosteiro e me introduz na 'casa'.

O P.e AMÉRICO não está...» E já perto do fim da crónica: «Esta visita à 'Casa do Gaiato' foi, para mim, altamente demonstrativa. Ali vi em prática uma orientação moderna, criteriosa, simples e natural. Erguer do chão o gaiato cheio de vícios, fazer despertar nele os

sentimentos de honra e de brio, torná-lo homem de bem, roubá-lo ao crime, arrancá-lo à cadeia, é, sem dúvida, sublime e louvável missão, é obra que deve merecer não só os nossos aplausos como o nosso apoio moral e material.»

Há quase 70 anos era assim. A sociedade dava-nos o «Lixo das Ruas» que amorosamente recuperávamos. Hoje, na miscelânea de interesses e filosofias que nos cercam a todos, com impacto determinante na vida dos rapazes que carecem de uma família e de todo o apoio no seu crescimento, por causa deles, os interesses, somos *aliviados* nos nossos trabalhos, acabando por acolher não os mais difíceis que a sociedade produz, que são adornados de vestes que disfarçam a sua condição de «Farrapões da Rua», mas a quem, quem sabe, passado pouco tempo lhes cai o arranjo, lançando-os irremediavelmente nas situações de que importava salvá-los.

Se somar hoje muitos anos se constitui num factor depreciativo na valorização das obras e pessoas, quem sabe se dentro em breve não voltará a recuperar o valor que nunca devia ter perdido?! É que saber e sabedoria não são a mesma coisa. □



PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Cachos de glicínias

ATÉ que enfim! Contudo, os céus derramaram pouco orvalho, qual morrinha, pois os prados também sufocavam e verdejantes é que são belos. Quando o ambiente natural se reveste de verdadeiro perfume, cria-se bem estar. Jesus não lhe foi alérgico, em Betânia, para ser anunciada a Sua passagem para a Vida plena, sem vaidades: — *Unghi de antemão o Meu Corpo para a sepultura.*

O desperdício de tempo empobrece. Por isso, é um serviço meritório entre os mais novos, em férias escolares, cuidar dos jardins. Coincidiu com alguns dias maiores, de preparação pascal, uma das tarefas da agenda, para fazer com sentido e sentirem melhor que o Éden não será um mito das origens. Se cada pessoa cuidar de um canteiro, com verdura e flores, a face do mundo mudará, de certeza. Foi *num jardim, onde se reunia frequentemente com os discípulos*, que o Senhor foi preso para nos libertar das cadeias iníquas.

Entre nós, alguns terrenos ajardinados foram limpos de ervas bravias e preenchidos com terra boa, capaz de receber muitos pés de relva, num trabalho em rede que os apanhou com empenho. O que se faz com gosto alegre o coração humano. Os garotos acabaram por ficar empoeirados e urgidos de braços de roupa e de se lavarem bem, dos pés à cabeça, pois o *Lava-pés* estava à porta, na Ceia do Senhor. Foram doze reguilhas: Aliú, Amadú, Betinho, Divino, Edgar, João, Luís, Malam, Nandinho, N'anso, Rocha e Aquilino. Impressionados com o gesto,

Continua na página 3

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

COM a minha ocasional falta de saúde, o Património foi levando as suas tarefas, com alguma dificuldade, mas sempre em frente. No sexto andar que estamos a reconstruir, os pedreiros e carpinteiros, puseram algumas portas, arranjaram a cozinha; e o René mais o Zezinho fizeram, em sábados e domingos, a canalização e montagem do esquentador e fogão. Com os gaiatos, o Património realiza rapidamente o que ninguém é capaz.

Os «dois canalizadores» vieram dar-me notícias más: — *Olhe que eles já lá vivem e aquilo não nos cheira bem. Quando entrámos fomos obrigados a abrir as janelas por causa do mau odor lá de dentro.*

Eu já imaginava que as coisas têm de ser acompanhadas pessoalmente. Quem me dera que a Igreja abrisse os olhos para a acção vicentina e a necessidade urgente de a pôr em prática.

Não me venham com desculpas que as pessoas estão muito idosas e impossibilitadas. Não contesto. É isso mesmo. A Igreja é feita de gente de todas as idades e os mais novos não vêm porque os grandes ideais não surgem. A gente fica triste, triste. É necessário o vulcão da fé, em vez do encosto às capacidades do Estado. As pessoas dormem e não se apercebem disso. O facto de muitas comunidades terem o seu Centro Paroquial, é muito bom, mas que ele não seja mais um impedimento para que o pároco não vá aos Pobres e entregue essa tarefa à assistente social. Os centros podem tornar-se, também eles, uma forma de instalação.

Estou um pouco derrubado com o comportamento desta família protegida. Dá-me a impressão que o Património é, para eles, uma fonte a explorar e não a mão de Deus a ampará-los.

A outra, do rés-do-chão, levou

material necessário para a instalação eléctrica e irá receber também o chão completo. Não se venha “pendurar” mais em nós. Só lhe daremos o comprometido.

Os jornais de Setúbal deram conta da multidão de pessoas que foram passar as férias da Páscoa aos paraísos turísticos! Notícias destas com o confronto da miséria a bater-nos à porta diariamente, cheira-nos a grande pecado de omissão. Como é que esta gente não se apercebe da terrível situação de tantas famílias na sua cidade e vão para longe estafar o dinheiro em diversões?

Estes pecados, fazem-me tremer. Como é que eu posso pregar aquilo que vivo todos os dias? Como? Naturalmente só com a vida apagada silenciosamente ao serviço dos Pobres! Não vejo outra forma. O grão tem de apodrecer para produzir. É Sabedoria do Mestre!

Um Santo tempo pascal! □

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

ESCOLA — Iniciou-se o último período, alguns rapazes tiveram oportunidade de estudar, onde reviram matérias em que demonstraram mais dificuldade.

Os do Secundário e da Universidade começaram a entrar num ritmo mais exaustivo para se prepararem melhor para os exames.

AGROPECUÁRIA — Como disse na crónica anterior, a segunda fase da plantação da batata está concluída, agora é só esperar que cresçam e que o tempo ajude, para que em Julho possam ter uma boa colheita.

As nossas vacas, pariram recentemente quatro vitelinhos cheios de vida, um deles nasceu no dia da Ressurreição do Senhor.

SENHORAS — Tivemos a honra de receber e festejar a Páscoa com duas senhoras amigas da Obra, a D. Cristina e a D. Maria José. Foram uma presença agradável.

Obrigado pela visita.

Zé Reis

DESPORTO — «Quando a cabeça não tem juízo o corpo é que paga» — dizia António Variações. E é verdade! Neste caso, quando não se quer... jogar futebol como deve ser, o Grupo é que perde. Foi o que

aconteceu este fim-de-semana. Recebemos os briosos rapazes da União Desportiva Lavrense e, ganharam a quem nada fez para obter um resultado positivo. Não vale a pena «pregar», que entra a cem e sai a duzentos. Mas tudo tem limites e tudo tem o seu tempo de duração. Há muito que não via um jogo por parte de alguns dos nossos rapazes, tão mal jogado como este. Um caos, uma miséria, daquelas misérias que por muito boa vontade que haja, não é possível tentar entender. Sempre ouvi dizer que: «muito riso, pouco juízo».

Apesar de tudo, houve excepções, como por exemplo: Dimas, Francisco, Rogério, Nelson e António Pedro que, marcou um golo, de se lhe tirar o chapéu. Eu não gosto de dizer mal, mas dizer bem daquilo que não está, isso nunca! Este jogo é para esquecer.

Resultado final: Casa do Gaiato 2 vs U. D. Lavrense 5.

Como não podemos dizer só o que está mal, vamos dar uma boa notícia: estamos a tentar formar uma equipa dos mais pequeninos.

Vai devagarinho! No entanto, devagar se chega ao longe, e nós, havemos de lá chegar. Não são muitos, mas, como o nosso mercado nunca fecha, pode ser que haja um milagre.

Uma semana depois, tudo foi diferente. Houve futebol e, sobretudo, postura, raça e bom senso com que rece-



Na Vigília Pascal tivemos cinco rapazes que foram baptizados: Inalio, Sabino, Gibril, Carlinhos e Júnior.

bemos os Juniores do F. C. Custóias. Uma equipa nada fácil, mas muito respeitadora. A acompanhar a equipa, vinha o senhor Presidente da Direcção e o Coordenador do clube, para além de outros elementos, incluindo pais dos atletas.

Quiseram saber um pouco da nossa vida, ao qual nós respondemos prontamente como sempre. Quando se lhes disse, como dizemos a todos, que não somos um colégio, mas sim uma

Família, eles... e dispararam as perguntas. Ficaram admirados. Não foram os primeiros, nem hão-de ser os últimos!

Em relação ao jogo, tudo correu bem. Eles vinham dispostos a fintar-nos, mas os nossos Rapazes, desta vez, não foram em cantigas. Diz o ditado: «Para lá do Marão, mandam os que lá estão». Ora, nós, em nossa casa, se estivermos acordados... e atentos... nem sempre acontece como no jogo anterior.

Eles marcaram primeiro, mas depois... foi um ver se te avias: André «Garnisé» (1); Ronaldo (1); Fábio (1); e, o ponta de lança improvisado, André «Espanhol» (2).

Quando nos for possível, eles querem que nos desloquemos a Custóias. Convites não nos faltam, o que é preciso é saber corresponder, dignificando o nosso nome.

Alberto («Resende»)

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

COESÃO SOCIAL — Pediram-nos para intervirmos num encontro cuja temática central é a coesão social. A escolha deste tema não será certamente o caminho que o país está a seguir com um desemprego cada vez maior, disparidades na distribuição do rendimento que não se atenuam, bem pelo contrário, e mais problemas que geram exclusão social.

Não se pode, à escala local a que as Conferências Vicentinas trabalham, atacar as causas de muitos desses problemas sociais, mas isso não é razão para a inacção. É no terreno e a essa escala local que a coesão social, ou falta dela se exprimem e há sempre alguma coisa que cada um de nós pode e deve fazer a essa escala que é aquela em que temos o nosso espaço de residência e de trabalho.

Para reforçar esta ideia, note-se que nunca haverá coesão social digna desse nome que não passe por relações interpessoais de boa qualidade e estas também não se constroem, nem se mantêm como deve ser a não ser à escala local.

Por isso, sem prejuízo doutros tipos de intervenções, a acção de proximidade que é típica das Conferências Vicentinas tem e terá sempre o seu lugar no esforço contínuo de construção de uma sociedade mais coesa.

Vem a propósito disto dizer que, na passada Quinta-Feira, mantivemos a boa tradição de convidar para a celebração e para o jantar na Casa do Gaiato as pessoas acompanhadas pela nossa Conferência. É mais um gesto do apoio inestimável que a Obra da Rua dá ao que fazemos. Como de costume, vieram os que quiseram e puderam. Conta aqui, acima de tudo, o simbolismo do gesto. As pessoas que acompanhamos sabem que podem contar connosco. Para os Gaiatos fica a lembrança de que há fora da Casa pessoas que podem não ter sempre cama, mesa e roupa lavada e que é preciso estar atento a isso e cuidar delas quando isso for preciso.

No Domingo de Páscoa fomos a casa de um que não veio nem à celebração, nem ao jantar. Temos tido com este uma luta no sentido de mais higiene e asseio. Estava a fazer a barba, com ar lavado e a casa mais limpa do que o que era costume. É um progresso. Pode ser pequeno, mas é um progresso. Mais e melhor coesão social também se faz destas coisas pequenas.

Os nossos contactos:

Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato
4560-373 Paço de Sousa.

E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt • Telem.: 965464058 □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

RECONCILIAÇÃO — No tempo da Quaresma deste ano, deslocámo-nos ao Santuário de Fátima, a 30 de Abril, sexta-feira, para uma manhã espiritual, em que nos confessámos. Isto aconteceu na Capela da Reconciliação, a exemplo de outros momentos mensais.

SEMANA SANTA — Na nossa Casa e em Família, vivemos os dias

grandes da Semana Santa. Assim, no Domingo de Ramos na Paixão do Senhor, foram benzidos os nossos ramos de oliveira junto ao nosso Cruzeiro e depois houve Missa com leitura do Evangelho da Paixão de Nosso Senhor. A 4 de Abril, o nosso Amigo Padre Rolando fez uma palestra sobre a Semana Santa, que gostámos. Na Quinta-feira Santa, pelas 19.00h, foi celebrada a Missa Vespertina da Ceia do Senhor, na nossa Capela, em que

LAR DO PORTO

Casal vicentino

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — «Quem ama a Deus ama também inevitavelmente o próximo».

Quem tem dentro de si a caridade divina não se cansa nem desanima nos caminhos do Senhor como diz o profeta Jeremias, mas suporta com fortaleza de ânimo todos os trabalhos e injúrias e ofensas sem desejar mal a ninguém.

O fruto da caridade consiste na beneficência sincera de coração para o próximo».

Vou dar notícias daqueles que o Senhor pôs nos nossos caminhos:

A mãe dos sete filhos mais a neta, anda cada vez mais carregada de despesas. É uma aflição vê-la com as lágrimas nos olhos, por falta de pagamento, cortaram a água. A assistente social do bairro, anda a ver se ela consegue pagar a dívida aos poucos, e nós também procuramos responder com o pouco que temos, são muitos os que nos procuram. Os filhos mais velhos estão desempregados, e é como ela diz, "eles bem vão à segurança social, mas neste momento continuam sem trabalho." Os mais pequenos vão bem na escola e vão tendo saúde, a neta dá-lhe muita despesa, e a saúde pouco ajuda; a mãe da bebé também está em casa sem trabalho, foi aconselhada a ir novamente estudar para acabar o curso

que andava a tirar. Ela precisava de uma cama, um beliche e um armário, foi resolvido com a ajuda sempre pronta de uma benfeitora de Lisboa, fomos aos saldos e ela ficou toda contente.

A mãe dos quatro filhos e três netos, continua na mesma, doente da cabeça, o que lhe vai valendo é a medicação que toma. O filho que andou a tirar o curso de pasteleiro neste momento está desempregado, os mais novos vão indo menos mal na escola, o mais pequenino anda no psicólogo, mas os problemas não ficam por aqui, a filha que tem três filhos alugou o que ela chama uma casinha, para ficar separada da mãe, levanta-se todos os dias às cinco da manhã, para vender peixe, o seu companheiro está desempregado e é ele que olha pelos meninos, precisavam de um beliche, a ajuda sempre preciosa da senhora de Lisboa, ficou resolvido, nós estamos presentes com a mercearia. Mais um casal com quatro filhos que estamos ajudar. Nós também estamos com bastantes dificuldades, todos os meses estamos com o coração nas mãos a fazer a divisão do pouco que recebemos.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — D. Helena, de Lisboa, duzentos e cinquenta euros. D. Emília, dez. D. Maria Luísa, cinquenta. D.

foram lavados os pés a 12 Rapazes. Depois, na Sexta-feira Santa, pelas 15.00h, foi a celebração da Paixão do Senhor, em que também adorámos a Cruz de Cristo. No Domingo de Páscoa da Ressurreição do Senhor, pelas 10.00h, participámos na Missa no dia de Páscoa. Pelas 18.30h, houve a visita pascal no átrio principal, seguida de uma boa merenda.

A todos os nossos Amigos e Amigas, que partilharam connosco, como os habituais folares, nestes dias, o nosso muito obrigado e continuação de feliz Páscoa! □

Angelina, vinte. D. Olinda, dez.

Um muito obrigado a todos pela ajuda que nos dão, só assim podemos ajudar aqueles que esperam a vossa ajuda.

O nosso NIB:

001000004417802000158.

O nosso endereço:

Conferência de S. Francisco de Assis
Rua D. João IV, 682
4000-299 Porto. □

BENGUELA

EDUCAÇÃO — Na nossa Comunidade a aprendizagem molda a pessoa por fora. A educação forma o espírito por dentro. Ajudam-se uma à outra. É graças à sua dupla função de identidade e de sociabilidade que a família pode transmitir costumes e educar em liberdade. Mas, atenção! É preciso sabermos respeitar o espaço e o momento em que nos encontramos, sem interpelarmos o outro. É a própria Educação que nos vai permitir analisar e distinguir o que há de verdadeiro e o que há de falso na concepção da família como célula social. É nestes pequenos trejeitos que me apego, para despertar e convidar os rapazes a partilharem dos bens maiores e morais que a nossa Comunidade nos oferece, aproveitando as oportunidades da melhor forma possível. □

PENSAMENTO

Pai Américo

A melhor maneira de resolver os grandes males alheios, é cada um fazer todo o bem que pode dentro da sua pequenina esfera de acção. Nem há arma mais eficaz para combater o Mal, do que a prática do Bem. □

SETÚBAL

Padre Acílio

As gatinhas

O contacto com a vida natural é uma riqueza da Casa do Gaiato, oferecida aos nossos rapazes.

Com alguma inibição física, tomava sozinho o meu iogurte na salinha das senhoras.

O sol entrava radioso e coado pelas flores postas na janela daquele aconchego maternal. Nisto, a porta, encostada, abre-se e o António entra.

Nem bom dia! Nem um beijo ou afago. Ignorou-me completamente.

O António com sete anos, não vê quase nada e a luz intensa incomoda-o muito. Anda em Coimbra, onde já foi operado e onde é visto frequentemente e com muito zelo pelos médicos do grande Hospital Universitário.

É uma criança muito meiga e muito inteligente. Um dia hei-de falar do António.

Pois ele, entrou alheio a tudo, menos ao que pretendia. Ajoelhou-se e, com as duas mãos, agarrou uma gatinha com pouco mais de um mês que está numa caixa de papelão e nuns trapinhos onde a sua mãe a pariu. Encostou-a ao queixo, depois às duas faces de sua cara, quase a beijou e retirou-se consolado, pois a pequena cria não me pareceu ter gostado do mimo

do pequenino. Mas até eu gozei mais com a cena observada do que a pequena criatura com a ternura do menino.

Contei o meu gozo ao Sérgio. Este é um homem feito, construído aqui na Casa, desde pequenino, o qual quando regressa do seu curso profissional especializado, se agarra logo à cozinha, num exemplo admirável e desinteressado de zelo pela vida doméstica e ajuda às senhoras.

Dizem que ele tem sido o grande patrocinador dos cuidados aos dois felinos, mãe e filha. O Sérgio também lá vai muitas vezes. Uma das senhoras confidenciou-me que ele, até as beija.

Enquanto contava a delícia da cena descrita, o rapaz expressou-se de uma forma inenarrável na escrita: — *A gatinha é linda, linda, linda!* — Referia-se à pequenina que é acinentada no corpo, mais escura nas minúsculas orelhas e de olhos verdes brilhantes.

Até eu comecei a gostar mais da gatinha.

Os exemplos da natureza são uma terrível acusação dos desmandos do Homem.

Páscoa

A nossa Páscoa foi também uma passagem. Teve dois palcos dife-

rentes onde se jogou pela vida. O primeiro e principal foi a Capela, onde todos participaram do relato admirável da Paixão do Senhor e da sua indizível dignidade.

Aqui ajudou-nos o professor José Manuel com todo o seu cuidado e arte musical. Os rapazes fizeram as leituras, tanto da Paixão como do historial da nossa fé de uma forma quase perfeita. Os salmos, então, cantados por eles, entraram-lhes na alma e isso reflectiu-se na forma expressiva e artística com que os traduziram.

No dia aprazado, e com liberdade, foram, como todos os cristãos, à sua paróquia pedir perdão, manifestar as suas culpas e receber de Deus a sua misericórdia para se encontrarem menos indignamente com o Redentor Ressuscitado.

Todas estas notícias me foram relatadas pelas pessoas que participaram nas celebrações. Quis o Senhor que, nesses dias sagrados, eu participasse de forma activa no sofrimento humano, impedindo-me de comungar directamente nesta admirável realização litúrgica, pascal.

Deus esteve do meu lado, ajudando-me com a presença pacífica e pacificadora do Sr. Padre João Luís.

As cenas do outro palco, foram passadas na cozinha e no refeitório. Desde há dias que o Rodrigues e a Micã (um casal de gaiatos já aqui referido), sonham com a Páscoa dos rapazes. Arregaçam as

mangas, deixam a sua vida e vêm ajudar-nos. Ele é bolos, de todas as formas, feitios e cores. É a preparação das carnes, a organização das mesas, o brilho dos talheres e louças, tudo passa pela sua cabeça e pelos seus braços. Eu fico espantado como é que numa altura destas Deus vem assim, de uma forma tão viva, amparar-nos e dar beleza à nossa Páscoa.

Não por ignorância de outras técnicas menos dispendiosas, mas por ser esta a forma mais intuitiva dos rapazes tratarem delas e pelo conhecimento de que esta maneira de lhes matar a sede é a mais adaptada à sua natureza.

Temos tido dificuldades em escoar o produto do nosso trabalho e a beleza dos nossos pomares.

Esta festa foi uma oportunidade que os gaiatos arranjaram para proverem de forma irrefutável o doce das nossas laranjas.

Não ficou por aqui a actividade deste casal.

Ele também tinha a sua tenda, porque as dificuldades económicas lhe bateram à porta com grande violência. Chamaram o Arlindo e a mulher que vieram do Porto para tomar conta da banca e agarraram-se a ela como se tudo fosse deles.

Além das laranjas, falaram da Casa do Gaiato de que eles são um expoente notável, fizeram propaganda do Jornal e arranjaram assinaturas.

O Arlindo veio para aqui pequenino, com o irmão. Hoje é um senhor que comanda uma firma comercial de sua propriedade. Ninguém como eles, pode dizer o que é uma Casa do Gaiato. □

Festa do queijo, pão e vinho

O mesmo casal, Rodrigues e Micã, atirou connosco para a Festa Anual dos produtos naturais da sua região. Eles, lá, organizaram. Com a ajuda do Joaquim, outro gaiato antigo, conseguiram uma máquina de fazer das nossas laranjas um sumo delicioso. Venderam-no a um euro o copo e aconselharam-nos a preparar centenas de sacos de laranjas com dois quilos.

As nossas laranjas são muito boas. O seu sabor vem de dois elementos muito importantes: as laranjeiras são alimentadas com estrume de vaca e regadas de forma alagada.

DOCTRINA

Pai Américo



Visitantes

SÓ bem. Só tenho a dizer bem deles. E que valor! Primeiro, não são chamados; é por sua livre vontade que aparecem. Segundo, vêm os mesmos, muitas vezes. Terceiro, enganam-se muitos deles no caminho, por falta de acesso adequado e por inteira ausência de sinalização. Não são contos do meu rosário, já se vê. Fora dos muros da Aldeia, não risco. Quando vêm e dão. Dão e não ganham indulgências, nem vêm jamais o seus ricos nomes publicados.

ORA isto é um enorme crédito na folha dos Visitantes! Eu quase nunca estou aos Domingos. Não estou. Tenho de andar por lá a mendigar o pão que comemos em Casa. Mas nas vezes em que estou, vejo e oiço muita coisa. Assim é que, há dias, ouvi apreciações do «Famoso» e predilecções da sua leitura. «Eu começo sempre por Isto é a Casa do Gaiato e imediatamente passo ao Do que nós necessitamos». Ora eu cuidava que o artigo de fundo fosse o primeiro para todos os leitores. O meu cuidado, o meu saber, a minha gramática — tudo se concentra ali. Cuidava sim senhor; mas não. A bisbilhotice. A bisbilhoticesinha. No gosto de saber o que se passa cá por Casa e também o gosto de saber como e o quanto nos dão. Ora aí está.

OUTRA coisa que eu muito aprecio, é a maneira como saem da Capela os que entram a visitá-la. «Simplicidade! Mas que simplicidade!» Realmente, ali dentro há o nu. Por altar, a pedra à vista. Por toalha, linho sem rendas. Por lâmpada, uma candeia. «Mas que simplicidade!», exclama-se. Saem vencidos. Subjugados. Em vez de palavra, nota-se o murmúrio discreto e convicto: «Simplicidade!»

ATÉ aqui, nada de estranhar. A Beleza não tem palavras; é a interjeição. O que eu estranho é ver como foge da simplicidade quem sobremaneira a aprecia! O automóvel que fica à porta da Capela. Os senhores mai-las senhoras que de lá saem a visitar. O flamejante. O complexo a apreciar o simples! Isto é que me causa espanto. Espanto, não digo bem. Compreensão da natural incoerência dos homens. E quem tiver a coragem de penetrar dentro de si mesmo num doloroso e precioso exame de consciência — isso então é que vê coisas! O Insondável. O Misterioso. A Verdade.

SENHORES Visitantes, continuem. Venham ver. E se alguém, convencido da simplicidade da Capela, for capaz de se vencer a si mesmo e trabalhar por ser simples — demos graças a Deus. E mais nada!

Do livro *Doutrina*. 2.º vol.

Implantação da Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

CASAS DO GAIATO

PORTUGAL

Casa do Gaiato do Porto
Mosteiro • 4560-373 PAÇO DE SOUSA
Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799
E-mail: obradarua@iol.pt
NIB: 0045 1342 40035524303 98

Casa do Gaiato de Beire
4580-281 BEIRE
Tel./Fax: 255 776 178
E-mail: gaiato-calvario@sapo.pt
NIB: 0018 0000 06209336001 33

Casa do Gaiato de Miranda do Corvo
Bujos • 3220-034 MIRANDA DO CORVO
Tel.: 239 532 125 • Fax: 239 532 099
E-mail: gaiatomiranda@sapo.pt
NIB: 0035 0468 00005577330 18

Casa do Gaiato de Setúbal
Estrada da Casa do Gaiato
2910-281 SETÚBAL
Tel.: 265 501 227 • Fax: 265 529 064
E-mail: cgsetubal@sapo.pt

ANGOLA

Casa do Gaiato de Malanje
C. P. 192 MALANJE
E-mail: casadogaiatodemalanje@gmail.com

Casa do Gaiato de Benguela
C. P. 820 BENGUELA
Tel./Fax: 00244 272 232 266
E-mail: gaiatobenguela@netangola.com

MOÇAMBIQUE

Casa do Gaiato de Moçambique
Boane • C. P. 591 MAPUTO
Tel.: 00258 21 49 52 48
Fax: 00258 21 49 52 49
E-mail: casagaiato.maputo@gmail.com

CALVÁRIO

Calvário
4580-281 BEIRE
Tel./Fax: 255 776 178
E-mail: gaiato-calvario@sapo.pt
NIB: 0018 0000 06209336001 33

LARES DO GAIATO

PORTUGAL

Lar do Gaiato do Porto
Rua D. João IV, 682
4000-299 PORTO
Tel./Fax: 225 370 300

Lar do Gaiato de Coimbra
Trav. Padre Américo
3000-313 COIMBRA
Tel.: 239 712 648

Lar do Gaiato de Lisboa
Rua Ricardo Espírito Santo, 8 r/c, dto.
1200-791 LISBOA
Tel.: 213 966 333

Lar do Gaiato de Setúbal
Rua Morgado de Setúbal, 91
2910-700 SETÚBAL
Tel.: 265 537 798

Oficinas:
Rua Camilo Castelo Branco, 22-A
2910-444 SETÚBAL
Tel.: 265 523 054 • Fax: 265 537 799

NOTA DA REDACÇÃO — Chamamos a atenção do Amigo Leitor para a ausência, nesta listagem, da Casa do Gaiato de Lisboa, a qual deixou de fazer parte da nossa Obra em 2006, tendo sido entregue ao Patriarcado de Lisboa.

ANGOLA

Lar do Gaiato de Luanda
Rua Ferreira do Amaral, 80
C. P. 1788 LUANDA — ANGOLA

LARES DE FÉRIAS

Colónia de Férias da Casa do Gaiato
Rua do Gaiato
4480-164 AZURARA

Colónia de Férias da Casa do Gaiato
Rua Padre Américo
3070-727 PRAIA DE MIRA

Lar de Férias da Casa do Gaiato
Portinho da Arrábida
2925-378 AZEITÃO
Tel.: 212 180 527

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Casa do Gaiato de Setúbal
Algerúz
2910-281 SETÚBAL
Tele.: 934 612 499

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

embora todos os dias seja uma algazarra, temeram o protagonismo e houve sorrisos marotos.

Todo o ser humano é chamado às alturas do serviço pelo seu nome; e todos são escolhidos e desafiados à missão da doação da própria vida. Nos Seminários estão a crescer sementes que o mundo tanto precisa, para que as searas não estiolem e os terrenos pedregosos sejam aplanados. Felizes daqueles que podem dizer: *O amor de Cristo absorve-nos completamente.*

Próximo daquela empreitada de verdura, sobressai um caramanchão de glicínias, com cachos roxos, vistosos e perfumados. Esta trepadora, enquanto não se desfazem as flores, forma um belo conjunto na estação primaveril. Afinal, momentos de paixão todos têm e até inesperados, que a compaixão nos pode curar. Essas flores, de cor lilás, vão acabar por cair, desfigurando os cachos. Porquê tantos rostos desfigurados? O Crucificado, por vezes, neste mundo, não O querem à vista de todos. Haverá medo da Verdade que o Nazareno mostrou na Cruz?

Havia lá um jardim, onde quem perseverou O viu e testemunhou vivo, para sempre! □

BENGUELA

Padre Manuel António

O Amor é a alma da Justiça

A Páscoa foi ontem. Quero escrever-vos com o coração cheio de Paz e Alegria. Quem dera não faltem a disposição e a coragem para remover os pedregulhos que impedem a saída dos túmulos dos irmãos que estão sepultados. O egoísmo, a indiferença, o individualismo, não permitem a ressurreição dos seres humanos que vivem na miséria, na pobreza extrema, em situação humana indigna. O Amor é a única força capaz de operar a transformação social. É a alma da Justiça. Quem dera sejamos capazes de dar as nossas vidas, na parte que temos e somos, até onde for possível! Não é um caminho fácil, mas é a garantia da nossa felicidade. Quem ama também sofre. Porque temos medo de sofrer fugimos, muitas vezes, no caminho das nossas vidas, ao dom por amor. Quem dera não buscássemos outro caminho para a nossa felicidade! Os pais realizar-se-ão na medida em que amem os seus filhos, até ao dom da sua vida. Deste modo, surgem personalidades generosas, desde crianças, adolescentes e jovens, que vão construir uma humanidade nova. Quantas vezes pode acontecer que não amamos porque temos medo de perder. É exactamente o contrário. Não podemos esquecer-nos de que a nossa humanidade pessoal será tanto mais rica, quanto mais estivermos em comunhão com a humanidade dos nossos irmãos.

Por isso, o Amor é um golpe profundo e determinante na riqueza construída sobre o egoísmo, a indiferença e o individualismo. Estamos chamados a ser felizes. O caminho da nossa felicidade é a vocação ao Amor. É no dom da nossa vida que descobrimos a plenitude do nosso ser. Parece um paradoxo, mas não é. No livro da experiência, o livro do nosso coração, descobrimos a verdade desta afirmação.

Onde está a fonte da energia para um mundo renovado, mais fraterno, mais família, mais feliz? Está no dom do amor do nosso coração. Ao longe e ao perto posso encontrar as gotas que dão mais vida ao meu sangue da humanidade. Não há barreiras, nem do tempo, nem do espaço, que impeçam a minha união com situações que necessitam da minha ajuda. Quem me dera sempre um coração grande, à medida do mundo. O mesmo desejo voa para vós, também. É um fruto da Festa da Páscoa. Dezenas de pais e filhos receberam a ajuda que foi possível para a lembrança deste Dia. Quem nos dera ir mais além! Vivemos exclusivamente do que nos dais. Acrescentamos, sempre que possível, algumas migalhas que são fruto do nosso trabalho. Que seria da nossa Casa do Gaiato sem o vosso Amor? O testemunho que nos dais confirma a grande verdade: Quem dá por amor não perde. A vida é mais realizada e, por isso, a pessoa é mais feliz.

Há dias, vivi um momento muito alegre. Foi o encontro com um casal que veio trazer uma notícia feliz. Ao longo deste ano, o grupo de casais de que faz parte, vai partilhar os seus bens com a casa do Gaiato. Não é a abundância que gera a alegria. A maior parte das famílias são, também, pobres. É o encontro com o segredo que faz uma Angola nova. São os corações queimados pelo fogo do amor. O benefício é para todos. As famílias sentem-se mais felizes, mais realizadas. Os seus filhos, sempre numerosos, crescem num ambiente de generosidade que constitui um factor educativo muito importante. A Casa do Gaiato acolhe esta manifestação de amor, com muito carinho. Os seus filhos e todos os filhos perdidos e abandonados entram no coração destes pais. São migalhas que dão também para repartir. A economia da Casa do Gaiato não assenta sobre o princípio de pôr e sobrepor, mas, sim, pôr e tirar para distribuir.

A força do Amor é capaz de realizar maravilhas.

É impressionante o gesto do Mestre, na Última Ceia, ao colocar-se de joelhos, diante dos seus discípulos, para lhes lavar os pés. Quem mais importante do que Ele? Quem mais poderoso do que Ele? Quem mais rico do que Ele? Deu tudo o que tinha e era por Amor. Que resposta tenho para dar na minha vida? □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

PASSOU a Quaresma e veio a Páscoa. Muitos dos Rapazes a estudar fora, quiseram vir a Casa e não vieram. Só uns três, já adultos. Durante o dia, nem visitas. Foi um dia festivo, em que melhor saboreámos o que é passar da Morte à Vida. Foi partilhado com os vizinhos, nos três dias pascais. Um Deus- homem igual a nós, que se sujeitou a tudo quanto a humanidade está sujeita, por força de autoridades civis e até religiosas, que se nos revela como o único Libertador e como único criador do homem novo. Só que esse homem novo que temos obrigação de desejar construir já e aqui, não é o terreno. Como diz a carta aos Hebreus, quando Jesus apareceu na mansão dos mortos estendeu a mão a Adão e disse: “eu sou o teu Deus e por ti me fiz teu filho”. Fomos criados para Ele e enquanto isso não for compreendido o mundo está também na mansão dos mortos.

O mundo continua em caminhada de Quaresma. E nós em Casa também. Tem-se multiplicado as iniciativas dos rapazes nos trabalhos de campo e oficinas, para dar o seu contributo. Até o Carlos, onze anos, com dois irmãos mais pequeninos, fizeram, nas traseiras da Casa 2 uma horta, sem dizer nada. Perguntado porque fez, só respondeu: é para todos. Este sentido de pertença, de família e de responsabilidade denota a sensibilidade de que as coisas não aparecem na mesa, porque outros fizeram. Nada se faz sem participação. O bem e o mal.

As cartas para as empresas são como o fogo de artifício. Vai para o ar e apaga-se. Corremos atrás da canas e não damos com elas. Que trabalho! O povo da minha terra diz que Deus disse; trabalha que eu te ajudarei. É nesta esperança que o fazemos e continuaremos a fazer.

É abissal a diferença da situação em que vivíamos e partilhámos a vida hoje à nossa volta. Já tivemos notícia de que a Cooperação Espanhola, que apoiava a nossa Fundação Encontro, foi reduzida, para todo o mundo, em 73%. Da Portuguesa soubemos hoje que vai manter a ajuda à Escolinha que se chama “Mamã Lucília”, a primeira cara carinhosa da Cooperação, que aqui conhecemos. Também à Casa Esperança onde se passa a vida dolorosa dos nossos doentes e dos que por ali têm estado com sida, a recuperar a esperança de viver. Benditas ajudas. De resto ter ou não ter para tantos milhares de pessoas dependentes de Cooperação, através de nós, dá-nos a certeza de que Deus quer a nossa dor, para nos manifestar a Sua misericórdia. A fé alimenta e fortalece a esperança. □

PÁSCOA SEMPRE!

Padre João

A celebração anual da Festa de Páscoa do Senhor, aponta sempre a realidade do que é radicalmente novo e inaudito. De facto, a centralidade deste evento transcendente é a sua novidade. Nunca se ouvira, nem vira, que alguém, crucificado e morto em circunstâncias tais — atestado por numerosos testemunhos históricos e fidedignos — voltasse a impor-se, agora, não só como Vivente, para além de todo e qualquer limite, mas também como doador de Vida, numa identidade inofismável e apelativa: «vede as minhas mãos e os meus pés: sou Eu mesmo; tocai-Me e vede: um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que Eu tenho». Estamos numa fronteira onde se interpenetram o humano e o transcendente de forma substancial: E como eles na sua alegria e admiração, não queriam ainda acreditar, perguntou-lhes: «tendes aí alguma coisa para comer?» «Deram-lhe uma posta de peixe assado, que ele tomou e começou a comer diante deles.» (cf. Lc.24,39-43).

Na Páscoa, as mais fortes evidências, porém, não são bastantes, mas preparam “lugar” ao dom da fé. É no encontro pessoal, inquietante e ardoroso que se realiza a Páscoa de Jesus como dom Pascal: «Não ardia cá dentro o nosso coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?».

Há sempre uma ambiência crepuscular no caminho da fé. O encontro “crepuscular” dos discípulos de Emaús com aquele “forasteiro”, aparentemente ignorante do que se passava à sua volta, é emblemático dos encontros dos grandes místicos com Jesus no “Emaús” da vida.

E, diante das resistências, de todos os racionalismos, permanece a doçura do Mestre... também numa tarde crepuscular: «Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; aproxima a tua mão e mete-a no meu lado e não sejas incrédulo mas crente». Era o primeiro dia da semana. «Meu Senhor e meu Deus...», respondeu Tomé.

Aquele “tocar” tornou-se normativo para experiência eclesial da vivência do Domingo, do Dia do Senhor! Por outra parte, apresenta-se como explicativo, também, da experiência da Missão: crente que se encontra com Jesus na dimensão eucarística, “afina” o “toque” da Caridade... e “retoca” o dia-a-dia da sua vida até ao ocaso. A partir da Eucaristia, a Caridade ultrapassa a simples solidariedade, muito embora a ela se não oponha. Pelo contrário. Na Eucaristia se celebra o dom pascal do Pai que entregou por nós Jesus O Seu Filho muito Amado. Nela, refontalizamos a Missão de Ir e fazer Páscoa, como Jesus, acolhendo os pródigos, as samaritanas, os leprosos, de todas lepras, os coxos, de todas as cocheiras; os cegos de todas as cegueiras; enquanto vamos gritando pela nossa própria história e na daqueles que nos rodeiam, em tom pascal: «Quando comemos deste pão e bebemos deste cálice, anunciamos, Senhor, a Vossa morte, esperando a vossa vinda gloriosa». □

MALANJE

Padre Rafael

Quem quiser ganhar a vida há-de perdê-la

SE sou honesto comigo mesmo, tenho que dizer que não entendo esta máxima de Jesus. Até agora tenho dado alguns passos. Primeiro em criança, quando perdia o meu tempo ajudando algumas pessoas pobres. Mais tarde, como jovem, para além do acima exposto, perdia parte do meu dinheiro. Já adulto, arrisquei perder tudo e fiz-me padre. Nos últimos anos, não só perdia como me exigiam que perdesse tudo. Faz um anos que, por umas horas, vi como me perdia definitivamente. Hoje posso dizer que quanto mais perco sempre acabo por ganhar, no fim. Creio que não posso dizer que ganhei a vida, como diz o Evangelho, mas posso gritar que me senti VIVO durante este tempo. A verdade é que há vidas que não contam para ninguém, que são insignificantes e que não merecem lhes dediquemos um minuto. São essas vidas as que queremos abraçar, sabemos que não podemos ampará-las todas, mas podemos escolher as piores e dar-lhes a dignidade que o mundo lhes negou.

São os pobres que ajudam os pobres, porque sabem o que sofrem os que emergem neste estado social. Teremos uma difícil tarefa, pois, em muitos casos, recebemos em nossa Casa o rapaz sem nome, e se nos damos, o vestimos, o alimentamos, o educamos e o apresentamos ao mundo dizendo: este é o meu filho. Tudo, desde a pobreza em que vivemos e

partilhamos com os outros, é a fé de sabermos que o Senhor caminha muito próximo a nós e nos cuida com todo o Seu amor.

O nosso Fausto vai ter de se deslocar a Luanda, ao serviço de oncologia, pois foram-lhe detectados dois tumores e não sabemos se não vamos ter de o enviar a Portugal para extraí-los, visto que estão situados no cérebro. É o problema de acolhê-los como filhos, e que nos alegrem quando estão alegres e nos fazem sofrer quando sofrem. Neste momento, está a ser submetido a alguns exames, para se saber qual a avaliação médica e se tomar a decisão mais acertada.

Na última reunião de chefes, tomamos como uma das nossas prioridades o reforço do estudo escolar para alguns dos rapazes mais atrasados. Será o Vadox em colaboração com o Maiato, os organizadores dos grupos de estudo e os encarregados do mesmo.

Começou em Gira Bairro uma liga de futebol em que jogam as diferentes equipas da Província. Hoje, foi a nossa primeira partida e empatamos a zero. Abriram uma sobrelha ao Manuel, com uma cabeçada, e não tivemos nenhum cartão durante toda a partida. Mas o melhor de tudo, é que a outra equipa estava completamente equipada e na nossa apenas metade tinha botas de futebol. □